



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

BEATRYS ROBERTO DA SILVA

**OS ESTIGMAS COM A REGIÃO NORDESTE NA
LINGUAGEM VISUAL DO FOTOJORNALISMO DOS
PORTAIS ONLINE NO CONTEXTO DA SECA**

CAMPINA GRANDE-PB

2022

BEATRYS ROBERTO DA SILVA

**OS ESTIGMAS COM A REGIÃO NORDESTE NA
LINGUAGEM VISUAL DO FOTOJORNALISMO DOS
PORTAIS ONLINE NO CONTEXTO DA SECA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento de
Comunicação Social da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de Bacharela
em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Rostand de
Albuquerque Melo

CAMPINA GRANDE-PB

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S506e Silva, Beatrys Roberto da.
Os estigmas com a região nordeste na linguagem visual do fotojornalismo dos portais online no contexto da seca [manuscrito] / Beatrys Roberto da Silva. - 2022.
22 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Rostand de Albuquerque Melo ,
Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA."

1. Fotojornalismo. 2. Mídia digital. 3. Nordeste. 4.
Estigmas. I. Título

21. ed. CDD 070.4

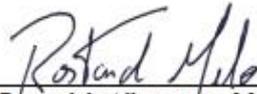
BEATRY S ROBERTO DA SILVA

**OS ESTIGMAS COM A REGIÃO NORDESTE NA
LINGUAGEM VISUAL DO FOTOJORNALISMO DOS
PORTAIS ONLINE NO CONTEXTO DA SECA**

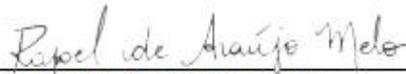
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso de
Comunicação Social da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharela em Jornalismo.

Aprovada em: 21 / 11 / 2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Rostand de Albuquerque Melo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Rafael de Araújo Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Agda Patrícia Pontes de Aquino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus e a fé da minha família. E também a música.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1-.....	11
Figura 2-.....	12
Figura 3-.....	13
Figura 4-.....	14
Figura 5-.....	14
Figura 6-	17
Figura 7-.....	17
Figura 8-	19
Figura 9-	20

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS GERADAS PELAS IMAGENS DO FOTOJORNALISMO....	8
3	A ÉTICA NO COMPORTAMENTO DO FOTOJORNALISMO NA MÍDIA DIGITAL.....	9
3.1	<i>APRESENTAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS ANALISADAS</i>	11
4	O FOTOJORNALISMO NO CONTEXTO DA SECA DO NORDESTE	13
5	O FOTOJORNALISMO MAIS HUMANIZADO	15
6	ANÁLISE DO FOTOJORNALISMO NO CONTEXTO DA SECA DO DIÁRIO DO NORDESTE.....	18
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
8	REFERÊNCIAS.....	21

OS ESTIGMAS COM A REGIÃO NORDESTE NA LINGUAGEM VISUAL DO FOTOFOTORNALISMO DOS PORTAIS ONLINE NO CONTEXTO DA SECA

Beatrys Roberto da Silva¹

RESUMO

Este artigo busca compreender os estigmas das mídias dos portais online da Folha de São Paulo, Gazeta do Povo e Diário do Nordeste. A proposta é investigar possíveis falhas na abordagem das mídias digitais analisadas e, com isso, mostrar as falhas existentes na abordagem da mídia digital em sua linguagem visual e como passa a imagem do fotojornalismo nos seus meios de comunicação e seu impacto na concepção do público. Além de deixar um estigma desfavorável. Lembrando que o presente artigo propõe seu foco na investigação uma análise do discurso visual. Todavia, o fotojornalismo é uma atividade primordial, com isso, entende-se um exercício formado para compreender esse contexto que é empregado no artigo. Tem o objetivo de buscar construir uma visão crítica sobre o tema, além disso se trata de uma análise descritiva da produção fotojornalística dos jornais escolhidos. É uma pesquisa de teor qualitativo com o foco em compreender os estigmas com a região nordeste no fotojornalismo no seu contexto de seca.

PALAVRAS-CHAVES: Fotojornalismo; Mídia digital; Nordeste; Estigmas.

ABSTRACT

This article seeks to understand the stigmas of the media of the online portals of Folha de São Paulo, Gazeta do Povo e Diário do Nordeste. The proposal is to investigate possible flaws in the approach of the digital media analyzed and, with that, to show the existing flaws in the approach of the digital media in its visual language and how the image of photojournalism passes in its media and its impact on the conception of the public. In addition to leaving an unfavorable stigma. Recalling that this article proposes its focus in the investigation and analysis of visual discourse. However, photojournalism is a primordial activity, with this, it is understood as an exercise formed to understand this context that is used in the article. It aims to seek to build a critical view on the subject, in addition it is a descriptive analysis of the photojournalistic production of the chosen newspapers. It is a qualitative research with the focus on understanding the stigmas with the northeast region in photojournalism in its context of drought. The results of this analysis are that there is a repetition in the photographs that were studied.

KEYWORDS: Photojournalism; Digital media; Northeast; Stigmas.

¹ Estudante do curso de graduação em Jornalismo da UEPB, e-mail: beatrys.silva@aluno.uepb.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que o Nordeste já passou por assombros de muitas dificuldades em questão da seca, falta de saneamento básico, alfabetização e outros problemas sociais.² Mas não podemos esquecer que foi a primeira zona de povoamento ocupada pelos conquistadores portugueses com isso, condiz uma das primeiras regiões a possuir riquezas justamente no seu período da colonização do Brasil, com o cultivo da cana-de-açúcar, que obteve muita vantagem econômica no final do século XVI e em meados do século XVIII.³ Além disso, o sistema era baseado na Colônia-Metrópole, que com isso obteve uma estrutura do grande comércio e do desenvolvimento das cidades nordestinas, especialmente na faixa litorânea, que hoje é conhecida como Zona da Mata.

O litoral nordestino tinha uma carga de favorecimento muito grande na questão do relevo próximo ao mar que se encaixava bem na parte da navegação dos portos. E com o passar dos anos, como o declínio da cana-de-açúcar, o Nordeste acabou perdendo o espaço da economia em meados do século XIX, passando para o sudeste e sul, bem como, suas atividades econômicas e as providências políticas do País, modificando com a seca que é uma causa natural da região, mas isso ajudou na piora do seu desenvolvimento a fim.

Há muitos outros fatores que respondem pela marcante originalidade das terras do Nordeste seco, a começar pelo fato de que elas ocupam posição geográfica anômala, mais próxima do Equador do que dos trópicos. O ritmo do clima regional, porém, continua sendo tropical, com duas estações bem marcadas: uma muito seca, outra moderadamente chuvosa, cuja continuidade, entretanto, como vimos, está sujeita a fortes rupturas ao longo dos anos. Podem ocorrer anos muito secos e eventuais períodos de grandes chuvas, com inundações catastróficas. (AB'SÁBER, 1999 P.13)

Concluindo o embasamento histórico e adentrando no contexto dos meios de mídia digital sobre a questão da linguagem visual do Nordeste nos portais digitais que relata a seca e a fome, consideramos que essas representações podem influenciar significativamente na construção do imaginário sobre a região. Segundo Kress e Van Leeuwen (2006, p. 47), os textos visuais estão para além de apenas representar a realidade e, assim como a escrita, nos auxiliam na compreensão de valores, crenças e práticas socioculturais. O que falta na sociedade é um conhecimento crítico sobre as diversidades do clima na região do Nordeste além de que, sempre estimular a visão da análise sobre determinados assuntos. Fernandes, (2008) aborda a compreensão da foto.

A conscientização das imagens não como veículos neutros desprovidos de seu contexto social, político e cultural, mas enquanto códigos dotados de significado potencial, imbuídos de estruturas sintáticas próprias. [...] assim como a

² Saneamento básico do Nordeste: [Conheça a situação do saneamento básico no Nordeste EOS Consultores](#)

³ Época em que foram criadas as Capitâneas Hereditárias: disponível: [Ciclo da Cana de Açúcar - História Enem | Educa Mais Brasil](#)

linguagem verbal, a linguagem visual é dotada de uma sintaxe própria, na qual elementos se organizam em estruturas visuais para comunicar um todo coerente [...] (FERNANDES; ALMEIDA, 2008, p. 9).

É importante analisar o conceito e o desenvolvimento das fotografias que mostram uma estética de pobreza, Jean defende em suas falas que “uma vez estetizada, a miséria se torna despolitizada. “É um grande achado da classe média”.⁴ Por isso, que em fotos é frequente encontrar gado morto, o cacto, cores quentes, os homens estão sempre de chapéu de palha e o sol no fundo, e com o mesmo sentido da seca e o desespero do nordestino atrás de água e sempre desmistificando que a região inteira sofre com escassez da água. Portanto, a seca é sim uma questão política mais que um problema ambiental.

A coerência entre os itens lexicais e imagéticos colaborou para que os discentes escutassem as crenças difundidas pela mídia digital de que a seca é responsável pelo subdesenvolvimento do Nordeste e, por conseguinte, contribuiu com o processo de transformação indenitária do nordestino (HALL, 2015, P)

Para a pesquisa adotada neste artigo tem o foco de compreender os caminhos dos estigmas com o Nordeste no fotojornalismo na questão da mídia digital. O artigo tem o objetivo de analisar as fotografias das reportagens das mídias dos portais online da Folha de São Paulo, Gazeta do Povo e Diário do Nordeste com o período de recorte temporal de 1994,2017,2021 e 2022 a escolha desses anos foi porque a primeira foto é 1994 e com isso, aborda a década a de 1990 para fazer esse recorte histórico com os anos de agora que são mais recentes e o mais importante o de 2022 o ano que estamos. Visto que, poder abordar os caminhos tomados e de como eles contribuem para o desenvolvimento do fotojornalismo no nordeste.

2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS GERADAS PELAS IMAGENS DO FOTOJORNALISMO

O olhar da sociedade é muito importante para a captação da foto ao ler o texto na reportagem tem certa curiosidade de qual será a imagem ali colocada. O ponto é de como isso vai causar no entendimento crítico da sociedade como um todo. E quando se trata das fotografias do Nordeste em questão das dificuldades do clima existe certa “padronização” do fotojornalismo em retratar sempre da mesma coisa. Então o que vai ficar no imaginário da população é o chão rachado, gado morto, a fome, falta de chuva como se só isso definisse tudo da região, mas não é bem assim. Benjamim Picado, mostra o poder que uma imagem carrega.

Mais que mostrar, e já menor nisso, a imagem diz; representa o dito travado no momento em que fotógrafo e o corpo de outrem se encontraram. A face retratada, se captura do dito, por outra via transborda da imagem sua dimensão não-mostrada, porém audível. E se o olho do espectador-expectante é capaz de escutar o clamor ético que lhe endereça a ferida via retratação, palavra

⁴ Jean-Claude Bernardet: Um crítico contra a estética da miséria:
[Jean-Claude Bernardet: Um crítico contra a estética da miséria : Revista Pesquisa Fapesp](#)

ambivalente; é porque compartilha de algum modo dessa condição retratável, como (de)vulnus e não como um; vulnerável naquilo que difere e que, concomitantemente, faz reunir outrem proximamente, como albergamento, hospedaria. (PICADO,2019, pg.122).

A fotografia engloba na questão política, na educação e no comportamento crítico principalmente no caso de ver as coisas seja, ela simples ou complexas. Segundo o pensador Huberman, a imagem é feita de sentidos, mas não só: “uma das grandes forças da imagem é a de produzir ao mesmo tempo sintoma (ruptura dentro do saber) e conhecimento (ruptura dentro do caos)” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 31). Huberman, distingue-se sobre o imaginativo das imagens além de que, levanta a questão do tipo de conhecimento que a imagem pode proporcionar para as pessoas que estão visualizando, Aby Warburg e Walter Benjamin, argumentam que a imagem não é um simples corte. Praticado no mundo dos aspectos visíveis dá a entender que os autores formulam a questão do problema que isso traz se não for usada de modo inteligente, pois quando a imagem se forma na cabeça da sociedade é difícil de tirar visto que, isso já se formou no seu imaginário. Em razão disso, quando envolve o fotojornalismo essa perspectiva da fotografia da seca fica no imaginário da sociedade, se as mídias digitais só abstraem isso da região nordeste é só isso que vai permanecer no inconsciente da sociedade. Buitoni, vem trazendo essa analogia nas fotografias publicadas nos jornais e web que servem como estigma de vários estereótipos na questão humanitária da sociedade.

Na maioria das vezes, as fotografias publicadas nos jornais e portais da web são bastante estereotipadas, servindo apenas para identificar cenas ou pessoas. (...). Na imensidão do oceano de imagens, poucas se destacam: a maioria produz uma percepção plana, não traz dimensões reflexivas, não interage com o texto e nem com outras imagens. Não são imagens complexas. (BUIIONI, 2011, p. 180)

Como a própria fotografia surgiu no período industrial e sempre foi lançada para o mundo burguês de fazer essa fotografia com mais harmonia tem uma elaboração mais séria e delicada de modo a parte, porém quando se trata de outras classes essa visão já tem um olhar de mudança um pouco mais com essa “cara” de tragédia. Então a questão da exposição do sofrimento das pessoas sempre existiu e nos meios de hoje, esse tópico ficou muito mais evidente com o Nordeste em si dessa retratação do sofrer do nordestino que está sempre à procura de vencer o clima da região. E quando se trata de imagem sempre vem a fala do Euclides da Cunha “O sertanejo é, antes de tudo, um forte” então essas imagens terminam ficando no histórico da visão do que é nordeste.

3 A ÉTICA NO COMPORTAMENTO DO FOTOJORNALISMO NA MÍDIA DIGITAL

O jornalismo trabalha com o instantâneo das notícias e age rápido principalmente quando envolve desastres naturais, por exemplo as queimadas do pantanal e Amazônia. Assim, essa rapidez exige para os veículos de plataforma digital irem mais rápido que os veículos de telejornalismo, rádio e até o jornal impresso e com velocidade o fotojornalismo entra em pauta na discussão da ética da imagem passada para o público.

Ricoeur (apud picado 2010, p. 172) vai dizer que a mídia se aproveita da “fórmula típica do testemunho”, com isso, gera uma perspectiva moral da situação investida.

No fotojornalismo, especificamente, o flagrante consolidou-se como a forma mais bem acabada de testemunhar uma situação. Ao longo da história, a fotografia fez do instante decisivo sua moeda de valor, prova cabal de um acontecimento, atestado de legitimidade social. Os fotojornalistas passaram a ser considerados pelo senso comum como testemunhas oculares da história, forjando uma identidade. A imprensa, por sua vez, utiliza-se sistematicamente desses valores para dar relevância à atividade e validar o trabalho de toda uma categoria (PICADO,2019, p.152).

Agora trazendo uma contextualização dos jornais que integram o recorte da pesquisa com o Gazeta do Povo que é um jornal que fica em Curitiba no estado do Paraná. Seu período de circulação é impresso e também possui um formato digital. ⁵O jornal pertence ao grupo paranaense de comunicação (GRPCOM). Foi fundado em 3 de fevereiro de 1919 por um paraibano Benjamin Lins e o alagoano Oscar Joseph de Plácido e Silva curiosamente nordestinos. O jornal foi comprado pelos sócios Francisco Cunha Pereira Filho e Edmundo Leminski e com isso, surgiram as principais empresas do grupo paranaense de comunicação.

A Folha de São Paulo, também conhecida como Folha de São Paulo ou simplesmente Folha, é um jornal brasileiro publicado na cidade de São Paulo e atualmente é o segundo maior, lembrando que O Globo é o primeiro. Com isso, a folha conta com a circulação de 366.087 exemplares incluindo assinantes digitais. Instituto Verificador. De Comunicação (IVC), dezembro de 2021⁶. O jornal Folha de São Paulo foi fundado em 19 de fevereiro de 1921 por um grupo de jornalistas liderado por Olival Costa e Pedro Cunha, em oposição aos principais jornais de São Paulo. A Folha foi fundada em oposição ao jornal da cidade, o Estado de São Paulo, com isso, tinha a representação da elite rural, passando a assumir uma postura mais conservadora, tradicional e rígida.⁷

Para finalizar a construção do embasamento da linha temporal dos jornais, vamos concluir com o jornal Diário do Nordeste⁸, que é um jornal brasileiro publicado em Fortaleza, capital do estado do Ceará. Pertence ao Sistema Verdes Mares, divisão midiática do Grupo Edson Queiroz. Conta com filiais nas cidades de Crato, Iguatu, Juazeiro, Juazeiro do Norte, Limoeiro, Limoeiro do Norte e Sobral, no Ceará, em Brasília, no Distrito Federal, e Recife, em Pernambuco. Sua primeira edição circulou em 19 de dezembro de 1981. Em 1.º de março de 2021, como parte de uma estratégia para de ampliar sua expansão, suas operações e seus negócios digitais, o periódico passou a

⁵ Gazeta do Povo completa 100 anos como um dos jornais mais lidos do Brasil;
<https://especiais.gazetadopovo.com.br/100-anos/centenario-jornal-mais-lido-brasil/>

⁶ Jornais em 2021: impresso cai 13%; digital sobe 6%...
[Jornais em 2021: circulação impressa cai 12,8%; digital sobe 5,8% \(poder360.com.br\)](https://www.poder360.com.br/jornais-em-2021-circulacao-impressa-cai-12-8-digital-sobe-5-8/)

⁷ Folhas ao vento: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil;
[Folhas ao vento: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil \(fgv.br\)](https://www.fgv.br/brasil/estudos/relatorio/folhas-ao-vento-analise-de-um-conglomerado-jornalistico-no-brasil)

⁸ Diário do Nordeste;
[Diário do Nordeste – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Di%C3%A1rio_do_Nordeste)

distribuir e publicar suas edições apenas em plataformas somente online, encerrando sua edição impressa no dia anterior.

Em nota⁹, o Sindicato dos Jornalistas no Ceará e a Federação Nacional dos Jornalistas lamentaram a medida e se solidarizaram com os funcionários demitidos que, como foram demitidos da em mesma decorrência. Com isso, surge uma questão importante da preservação da humanização das pessoas, nota se que essa representação é consequência de uma suposta indiferença da ética jornalística em relação à exposição da fotografia. Como lembra Bucci (2012, p. 42), “o jornalismo é fruto dos debates que acontecem no espaço público. A vista disso, o seu dever é mostrar as fotos de uma forma mais compreensiva e não como o mesmo fato repetitivo”. Por fim, Kossoy (2002, p. 19) defende que a fotografia ganhou o status de credibilidade devido à sua natureza físico-química “de registrar aspectos ‘selecionados’ do real, tal como estes de fato se parecem” Vale lembrar que essa "natureza físico-química" se relativiza com o contexto do digital. A imagem não é mais o resultado da reação da luz em uma superfície quimicamente tratada para se tornar fotossensível. No digital, a imagem é registrada em um sensor eletrônico.

3.1 APRESENTAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS ANALISADAS

Agora trazendo um exemplo de duas fotografias de dois jornais Gazeta do Povo e Diário do Nordeste podemos notar a mesma fórmula de fotografar desses dois fotógrafos: Natinho Rodrigues e Alexandre Mazzo. A diferença básica é que a figura 1 tem uma cerca e a figura 2 não tem. Além do mais, o Diário do Nordeste fez a mesma analogia que os portais fazem sobre o Nordeste, isso não é uma atrocidade, mas de qualquer maneira faz a mesma coisa que os outros e isso só vira um grande círculo sem fim, sem nenhuma mudança nessa estética de fotojornalismo. Por isso, é importante ter um senso crítico sobre esses acontecimentos da fotografia.

Figura 1



Fonte: Diário do Nordeste / Foto: Natinho Rodrigues. Ano:2022

⁹ Em nota o sindicato dos jornalistas lamenta;
<https://www.sindjorce.org.br/nota-oficial-sindjorce-e-fenaj-lamentam-fim-da-edicao-impressa-do-diario-do-nordeste/>

Figura 2

Fonte: Gazeta do Povo. Foto: Alexandre Mazzo. Ano: 2017

O fotojornalismo tem um foco documental no seu olhar. Com isso, faz a construção da imagem que vai adquirir sentido e voz ao mesmo tempo e vai carregada de sentido e dentro desse mundo nasce um repertório que pode ser de um povo, região e outras coisas. Considerando a continuar neste parágrafo que o jornal Diário do Nordeste, apesar de ser um jornal nordestino, segue com o mesmo enquadramento de mostrar imagens que reforçam a mesma estética fotográfica “caricata” e estereotipada usada pelos jornais sulistas. Além do mais, tem toda uma linguagem social muito grande porque a imagem está trazendo um lugar no ambiente cultural dessa forma, não pode deixar passar despercebido.

Em vez de se verem aprisionados em meio a eventos caóticos, ou muito próximos de cenas de dor e sofrimento, os fotógrafos têm preferido apresentar o que fica na esteira desses momentos trágicos da humanidade, geralmente registrando o que ficou para trás, num estilo que propõe uma visão e um julgamento (COTTON,2013.P167).

Por isso, deve ser possível ver certa mudança nessa situação do fotojornalismo fazer sair do comum e partir para assuntos ainda não vistos. Essas fotos podem proceder em conflitos e, com isso, gerar uma vulnerabilidade nos locais onde estão sendo tiradas é uma certa exposição que deve ser pensada e gerar um questionamento se isso é ético no ambiente de fotojornalismo de está quase sempre visualizando este mesmo assunto e não partindo para outros.

Em vista disso, é premente refletir sobre o uso e produção dessas imagens. Os conflitos são constituídos de pessoas que têm suas histórias, famílias e situações sociais próprias. Cada um com sua particularidade estão vulneráveis à exposição. A dor e a exposição da imagem de semelhantes, evidenciadas em uma fotografia jornalística, precisa mover quem a vê. (FREITAS et al, 2020. pg. 132).

A sociedade tem uma visão que a imagem vem sim carregada de uma narração um tanto conflituosa e estão repletas de afirmativas que podem suceder ou fazer um

preconceito e gerar impressões negativas. Além do mais, isso pode trazer uma impressão ruim para a mídia digital que tenta trazer o mais real possível de informação. Nos pensamentos de Gonçalves (2009), “a fotografia menor nos faz parar, desacelera o olhar que se torna intenso. Há nela algo de lúdico, instigando ao ato criador, ou seja, a fotografia sendo bem pensada no íntimo humano e não tanto ligado na dor torna-se mais adaptável no fundamento crítico. Essa vertente de aproximação sem ferir nenhum dos direitos humanos torna as fotos produzidas no fotojornalismo mais humanizado sem levar a nenhuma ponderação incômoda ao espectador. Nas fotos 3,4 e 5 traço essa estética de repetição do fotojornalismo destacando essa ideia de fotojornalismo destrutivo. No próximo tópico introduzi o fotojornalismo no contexto da seca e seus objetivos a seguir.

Leitão (2016) também contribui para as discussões acerca do fotojornalismo contemporâneo decolonial, trazendo a ideia de um “fotojornalismo disruptivo”, o qual quebra todos os acordos anteriores, estabelecidos com os modos tradicionais de exercer a profissão, na busca por uma prática mais consciente. Dessa forma, notamos que os estudos contemporâneos e as novas práticas na área tendem a uma humanização das fotografias, fugindo do ideal de disseminação do sofrimento e da dor alheia à qual fere os direitos dos cidadãos e os preceitos éticos da profissão fotojornalista. (FREITAS et al, 2020. pg. 135)

4 O FOTOJORNALISMO NO CONTEXTO DA SECA DO NORDESTE

Englobando uma pesquisa nos meios de comunicação de mídia digital dos portais Folha de São Paulo, Gazeta do Povo e Diário do Nordeste um certo padrão de imagem em retratação do Nordeste um fotojornalismo caricato a essa região. Gonçalves (2009. p. 4). Defende que “A visão da fotografia como espelho do real tem perpassado a história da técnica fotográfica naturalizando seu uso ideológico e político”. Então essas fotorreportagens de conflito já estão tão comuns que a primeira coisa a se pensar no nordestino é fome e falta de água. A seguir, apresentamos as fotografias da Folha de São Paulo.

Figura 3



Fonte: Folha de São Paulo. /Fotógrafo: Allan Lira Ano: 2021

Figura 4

Fonte: Folha de São Paulo. Fotógrafo: Allan Lira. Ano: 2021

Como podemos notar na fotografia 3 acima, a estética da imagem transforma-se em cores quentes bem amareladas e sempre mostrando esse lado da morte bastante explícito de gados mortos. E quando traz uma vida na fotografia ela parece ainda está morta porque ao redor a estética da seca encontra-se tão alarmante que os gados vivos não passam a sensação da harmonia da vida isso na fotografia 5. Esses mesmos elementos podem ser percebidos em imagens produzidas por jornais nordestinos, como o Diário do Nordeste, assim como aparece no exemplo a seguir na foto.

Figura 5

Fonte: Diário do Nordeste. Foto: Honório Barbosa. Ano: 2021

Isso é evidente na figura 5 com isso, trazendo essa junção de um solo sem vida seco pegando essa ótica dessa paisagem seca com uma vegetação quebradiça e sem vida isso é uma causa constante na retratação das imagens do Nordeste. Sontag (2004), aborda

a questão do interesse na calamidade que isso estimula a ver a dor esse olhar reforça e também deve outro ponto importante é que se pensa numa distância da situação vista cria sim uma empatia e emoção, porém não gera algo a mais que pode se dizer que não a ver uma aproximação com aquela realidade pautada e para os leitores que veem esse tipo de coisa na sua casa com alto conforto gera um sentimento de “ainda bem que não estou vivenciando isso”. Col e Boni ressaltam que o choque das imagens de guerras e catástrofes (como a da seca) “passaria a funcionar como instrumento de paralisia social pelo choque, considerando que, não raro, as pessoas ficam excessivamente presas aos elementos da dor e não avaliam as circunstâncias, as causas e as consequências do conflito” (CÔL; BONI, 2005, p. 50). Entender como essa reflexão é importante e de como essa banalização afeta outras vidas a imprensa gera um “desconforto” para adquirir audiência naquilo que produz. Além do mais, gera um “certo desejo” da mídia em gerar essa exposição e com isso, termina fechando os caminhos para a dinâmica social. Como podemos ver nas imagens a seguir, chão rachado e gado abatido, essa visão está tão desgastada que é possível afirmar que pessoas de outras regiões pensam que realmente o nordeste inteiro se resume a isso, fora que essa visão também será usada e ressaltada até mesmo em livros didáticos, muitos deles que produzem imagens produzidas originalmente para a imprensa. Barcelos defende que “é fundamental discutir sobre como devem ser realizadas, selecionadas e publicadas imagens de acontecimentos que envolvem a dor do outro” (BARCELOS, 2014, p. 116).

Então precisa possuir um discurso sobre o imagético baseado no fotojornalismo em questão das fotografias da seca. Deve-se questionar os motivos pelos quais o Nordeste é predominante retratado nesse estilo de visão e que mesmo se passando tanto tempo esse discurso visual. No presente artigo possui um recorte de fotografias produzidas entre 1994 e 2021 onde, como podemos ver nos exemplos anteriores, se mantém o mesmo modo de representação sobre o nordestino, que já nasce “envolvido” nessa teia de representações sobre sua identidade enquanto povo. É como se fosse uma herança que todo nordestino recebe e que consideramos ser uma herança que não é agradável de se ter.

Com o Nordeste quase sempre sendo fotografado nesse estilo de seca, é inevitável do nordestino ser mostrado à margem da miséria, pobreza e fome, onde nunca temos água. E na mídia sempre estamos nos olhos da morte marcando o povo dessa região. A fotografia também é uma ferramenta discursiva e com isso, passar a entender que a foto tem jogos de interesses dessa forma, pode ser compreendida pelo coletivo com uma verdade absoluta virando sempre um entretenimento abusivo. No próximo tópico, vamos discutir como o fotojornalismo pode vincular fotografias de modo mais humanizado na questão humana.

5 O FOTOJORNALISMO MAIS HUMANIZADO

No mundo globalizado e imagético, como estamos hoje, as pessoas tendem a se preocupar muito em como estão sendo vistas e com esse intuito o fotojornalismo entra nesse organismo visual de grande porte que vivemos nesse ciclo de muitas informações e de pura tecnologia e rapidez da comunicação. Além do mais, é verídico que com o poder da mídia vem ganhando cada vez mais visualizações nas últimas décadas justamente por influência da internet e é nesse requisito que se deve pensar mais na sensibilidade do fotojornalismo nos meios de comunicação online essa responsabilidade com a dor que a

foto passa deve ser vista de um lado mais receptivo para não tornar tudo tão “robótico” e “caricato”.

A busca pela estética da foto mais real muitas vezes torna um estigma com povos e até culturas. (AUMONT, 1995, p. 276) defende que “com isso a percepção do mundo se tornou mais aprofundada e complexa. Embora a fotografia – e o cinema – não revelem nada do mundo no sentido literal, contribuem educativamente para o ver melhor. Dessa forma, consideramos que se o fotojornalismo for usado de uma forma mais crítica e menos sensacionalista o trabalho sairá mais adequado no sentido de olhar para a imagem de uma forma mais sensível para a visão de outras pessoas que não estão habituadas a ver fotografias de conteúdos delicado.

Para Bresson (2004), a fotografia é o único meio capaz de prender para sempre o instante exato e passageiro. Por isso é tão importante a harmonia da análise da foto para aquele momento tão célebre, não se torna aflito aos olhos. Cada matéria ou reportagem precisa da técnica, mas também precisa que no registro tenha uma perspectiva maior da sua visão porque é dessa visão de mundo que vai nascer uma característica marcante no fotógrafo não vai ser só um recorte e sim algo mais legível para a sociedade. É tudo uma questão de ordem de análise, seleção e principalmente do conhecimento crítico sobre a obra que está sendo focada ou registrada. Bresson (2004) descreve que o fotógrafo deve ter uma característica indispensável, “uma mão de veludo, um olho de águia – todos nós devemos tê-los obrigatoriamente” (s.d., p.4). Dessa forma deve-se tornar o ambiente do fotojornalismo mais humanizado.

Se o ambiente fotografado denota as consequências da seca, ou, se as situações cotidianas representadas estabelecem contrastes com os padrões de vida predominantes em outros espaços, tais opções distanciam se de uma formatação com viés político panfletário, o que condiz com a postura do escritor Graciliano Ramos na elaboração de *Vidas Secas*. (TEIXEIRA, 2014, pg.187)

É muito a questão das cores das fotografias no ambiente de registro trazendo para o lado mais saturado, amarelado possível e com isso, puxando para o marrom para trazer essa visão de perda e morte é essa sequência de fatos que sustenta muitas fotografias neste artigo. Segundo Sontag (1986), a fotografia assumiu o trabalho de representar as coisas de forma realista, que dominava a pintura, mas com o tempo essa definição foi liberada pela abstração utilizada. Isso significa que trazer o real pode trazer um certo desconforto no olhar.

A visão fotográfica aliada com a subjetividade reflete na prática uma visão objetivada, decomposta entre a maneira de focar e avaliar a perspectiva pesando a diferença de ver com a câmera e com o olho humano, busca constante renovação por meio de situações impactantes, independente do assunto ou da técnica, mas representa o incomum a visão rotineira. Outro fator importante sobre a visão que Sontag (1986) ressalta é de que, a memória do belo na fotografia, depende da decisão humana, no sentido desses dois aspectos de que isto dá boa fotografia e que essa boa fotografia vai servir de comentário. (SONALY ,2014,pg,35)

Vamos analisar duas fotografias abaixo sobre as questões levantadas acima. Na figura 6 podemos notar a forma realista que está sendo passada nesse campo do sentido

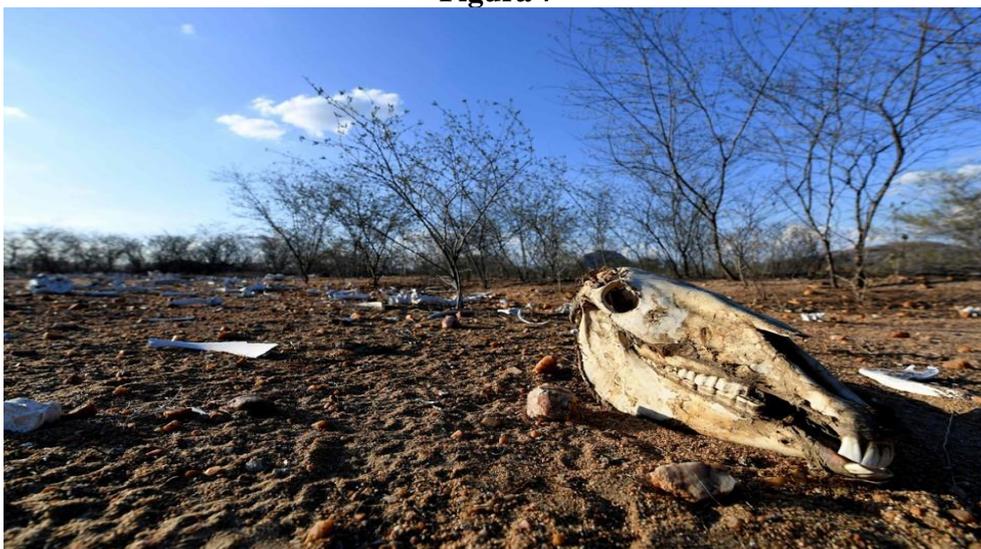
da morte dos bichos e o que tudo existe na representação da seca como um todo e na figura 7 depois de 21 anos, se repete a mesma coisa na figura 4 em 2021 também permanece essa essência de repetição.

Figura 6



Fonte: Folha De São Paulo. Foto: Marilene Ferlauto. Ano: 1994

Figura 7



Fonte: Gazeta Do Povo Foto:Evaristo Sa. Ano; 2017

Analisando as fotografias é como se o passado e presente fosse sempre desafiado, como um só, mas que no fim da pesquisa mostra como se não tivesse passado é simplesmente uma ideia totalmente automática do meio do fotojornalismo de mostrar a mesma caricatura da morte na exposição da seca no nordeste. Esse pensamento fica um pouco difícil de desmistificar porque sempre vai existir uma classe dominante de como vai contar a história desse povo como defende (Freire, 1984, p. 101). “O elemento mítico aí introduzido não proíbe propriamente que o homem pense; dificulta o exercício de sua Criticidade, dando ao homem a ilusão de que pensa certo” dessa forma, esse elemento mítico sobre a fotografia fica muito enraizado no pensar das pessoas, por isso, deve ser possível ver uma humanização no olhar da imprensa sobre essa questão. O Nordeste carrega condições históricas muitas vezes dolorosas seja por sua condição oprimida,

educação e sem contar a xenofobia.¹⁰ Logo conseqüentemente, é sempre mostrando de forma de morte em seus cenários de paisagens dessa maneira, precisa existir uma libertação dessa imagem que os jornais têm sobre a região e também das pessoas.

O conjunto de traços fundamentais que permanecem intocados pelo desenvolvimento histórico da humanidade, que são inseparáveis do homem como tal e são característicos de cada indivíduo em qualquer forma de vida social”. (MÁRKUS. 2015. p.89).

Além do que, pelo Nordeste possuir esse histórico de seca, isso ficou na sua "memória" por isso, essa representação da seca é tão presente até os dias de hoje, como podemos ver nas imagens analisadas. De forma humanizada, o jornalismo poderia pautar, para Montipó e Bortoli (2014, p. 102), temas que “são indícios de uma sociedade que precisa ser refletida para que possa ser modificada”. Com essa mudança desse formato de representação da imagem do Nordeste a forma de pensar vai mudando ao longo do tempo, é o que esperamos dos meios de comunicação principalmente da parte do fotojornalismo. Além do mais, procurar buscar uma sensibilidade e uma capacidade usando a compreensão de avaliação sobre o melhor ponto de fotografar mostrando seus objetivos e métodos para buscar uma outra independência na fotografia.

6 ANÁLISE DO FOTOJORNALISMO NO CONTEXTO DA SECA DO DIÁRIO DO NORDESTE

No decorrer do artigo analisamos várias fotografias dos anos de 1994,2017,2021 e por último 2022 e em todos os cenários do tempo. As fotos se cruzam no mesmo instante de realidade nota-se que essa narrativa tende a prosperar com o mesmo olhar fotográfico de 1994 até o ano que estamos agora. Essa identidade regional dos anos 1920 ainda é Bastante produzida na mídia e sempre mostrando a o mesmo dilema do Nordeste em declínio econômico e político para Pfeiffer (1997, p.37) o clichê produz o efeito de lugar-comum no âmbito verbal, através da repetição das mesmas “fórmulas” ou “regras” de escrita.

O mesmo se estende no fotojornalismo. Primeiro se constrói a memória de um povo através da reiteração explicando dos mesmos temas, cenários e ambientes visuais. Com isso, entra no imaginário popular através da normatização e sistematização da história cultural dessa forma, vai estabelecendo uma relação entre certos signos e paradigmas do sertão de mostrar sempre a pobreza que podem e devem ser tidos e vistos como naturais. De alguma maneira, o fotojornalismo habitua os horizontes, os cenários e com isso, o próprio pensar intelectual do leitor. Dessa forma, certas realidades passadas ou atuais ou podemos pensar que também pode aplicar a “realidades futuras” que ainda

Não existem e isso vai ganhando a prática do e entendimento do mundo. Além do mais, passa a ser enfatizado a existência do papel da mídia na vida cotidiana da sociedade

¹⁰ o que é xenofobia;

[Xenofobia: o que é, significado, exemplos - Brasil Escola \(uol.com.br\)](http://uol.com.br)

(SILVERSTONE, 2002, p.12) defende que “Nossa mídia é onipresente, diária, uma dimensão essencial de nossa experiência contemporânea. É impossível escapar à presença, à representação da mídia”. As duas últimas fotos para a análise são do diário do Nordeste pode ver que tem o mesmo parecer caricato muda só um pouco a paleta da vegetação e com isso, é importante demonstrar que na linguagem visual, e em alguns casos na linguagem fotográfica, sabe-se que a sociedade compreende isso muito imediatamente.

Todos os seus elementos e sua compreensão é mais para o embasamento caricato do Nordeste, de sempre trazer uma fotografia similar a quase todas as outras, um exemplo as fotografias 4 e 6 do jornal Folha de São Paulo mostrando os gados mortos. A profundidade está diretamente relacionada à sua contextualização e transformação, seja ele de lugar ou outros elementos que estejam na foto. Pode-se dizer que o fotojornalismo é um elemento que se conecta com toda uma estrutura de pensamento e visualização do que está se passando no período de tempo da fotografia. Além de que, é muito o que as pessoas estão vendo. Ademais, esse tópico de repetição se sustenta com a inferência dos próprios jornais e as mídias online.

A fotografia tem uma realidade própria que não corresponde necessariamente à realidade que envolveu o assunto, objeto de registro, no contexto da vida passada. Trata-se da realidade do documento, da representação: uma segunda realidade, construída, codificada, sedutora em sua montagem, em sua estética, de forma alguma ingênua, inocente, mas que é, todavia, o elo material do tempo e espaço representado, pista para desvendarmos o passado (KOSSOY, 1999, p. 23).

Figura 8



Fonte: Diário do Nordeste. Foto: Kid Jr. Ano: 2022

Figura 9

Fonte: Diário do Nordeste. Foto: Kid Jr. Ano: 2022

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final desse artigo científico e obtivemos uma tentativa da compreensão da análise sobre o fotojornalismo dos jornais Folha de São Paulo, Diário do Nordeste e Gazeta do Povo com isso, a pesquisa possibilitou a identificação dos principais motivos que foram a repetição da imagem do nordeste nos meios de comunicação dos jornais online. Além de que, percebe-se um comportamento idêntico na construção do discurso visual sobre a seca no Nordeste e dessa forma, as imagens analisadas seguem o mesmo padrão apresentando características iguais como a existência de pessoas e animais mortos.

Os elementos que faltaram foi que poderiam indicar outras possibilidades para construção de outras narrativas visuais sobre a região do Nordeste como um todo visto que, usufruir mais da cultura da região e não mostrando só imagens de sofrimento. Uma questão válida seria dialogar inclusive com a ideia de fotojornalismo mais humanizado nas mídias digitais mostrar para o público outro olhar. As contribuições do artigo é mudar essa visão e fazer fotografias de modo simplista e sempre dialogando com outros métodos no sentido de mostrar a sociedade que o Nordeste tem outras representações sem ser só o tema da seca que assola o nordestino. Embora saibamos que a fotografia pode e deve ser usada como uma ferramenta de denúncia social, também existe outro lado que essa denúncia pode vir de muita exposição seja de um lugar ou povoado. O discurso do fotojornalismo é um discurso forte e deve ser bem pensado dado que, a principal contradição do fotojornalismo é ter o privilégio de combater a 'injustiça' social. Concluindo, as fotografias que foram analisadas neste presente artigo são a herança de imagens que devem ser mudadas para conduzir um novo olhar para assuntos novos quando se trata da região do Nordeste.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2001.

AZIZ **Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida** <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9474> São Paulo: 1999

BUITONI, Dulcília H. S. **Imagens semoventes: fotografia e multimídia no webjornalismo. Animus: revista interamericana de comunicação midiática.** Universidade Federal de Santa Maria, v. VI, no 1, p. 9-23, jan./jun. 2007

BUCCI, E; AUGUSTO JR, S. N. **A liberdade de imprensa e a liberdade na publicidade.** In: Revista Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo: ESPM, 2012. pp. 33-48.

DIDI-huberman, **Antropologia, imagens e arte. Um percurso reflexivo a partir de Georges Didi-Huberman** <http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/350117/2/104000cadernosaa391.pdf> . São Paulo: 2013

DOUGLAS enock **IMAGENS RESSECADAS: A Representação Iconográfica do Nordeste Livros Didáticos de História.**

https://books.google.com.br/books/about/Imagens_ressecadas_a_representa%C3%A7%C3%A3o_ico.html?id=0NMBEAAAQBAJ&redir_esc=y Rio de Janeiro: 2018

FERNANDES, J. D. C.; ALMEIDA, D. B. L. **Revisitando a gramática visual nos cartazes de guerra.** In: ALMEIDA, D. B. L. (Org.). *Perspectivas em análise visual: do fotojornalismo ao blog*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008, p. 11-31.

FREIRE, P. (1984a). **Ação Cultural para Liberdade e Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREDERICO de Mello Brandão Tavares & Paulo Bernardo Ferreira Vaz GRIS/UFMG <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/issue/view/271> porto alegre;

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. de Tomaz T. Silva e Guacira L. Louro. 12.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading Images: the grammar of visual design.** London: Routledge, 2006.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

MÁRKUS, G. (2015). **Marxismo e Antropologia: o conceito de essência humana na filosofia de Marx.** São Paulo: Expressão Popular.

MONTIPÓ, C. & Bortoli, S. (2014). **Boas histórias que o jornalismo quase deixou de contar: as redes sociais como pauta para a produção jornalística. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano**, v. 4, p. 88-104

PICADO, Benjamim. **Olhar testemunhal e representação da ação na fotografia**. In: e-compós, vol. 3: pp. 1-29, 2005.

SONTAG, S. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SILVA, M.G.T. **Às bordas do fotográfico e da fotografia, fronteiras tênues**. Dissertação de Mestrado, IEL UNICAMP, 2004.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.